



# A REPRESENTAÇÃO DA GUERRA COLONIAL EM *MEMÓRIA DE ELEFANTE*, DE LOBO ANTUNES

## THE REPRESENTATION OF COLONIAL WAR IN LOBO ANTUNES' *MEMÓRIA DE ELEFANTE*

Leonardo von Pfeil Rommel\*

\* lvpfeil@hotmail.com  
Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutorando em Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

**RESUMO:** O presente artigo analisa o romance *Memória de elefante*, do escritor português António Lobo Antunes, quanto à sua particularidade em representar o período pós-Guerra Colonial e seus traumáticos efeitos na sociedade portuguesa. Primeiro romance do autor, publicado em 1979, e fortemente ligado à sua experiência autobiográfica, a narrativa apresenta o cotidiano de um ex-combatente que, ao retornar dos conflitos na África, carrega consigo todos os traumas causados pela violência da guerra, ficando, assim, incapacitado de se readaptar à vida cotidiana e ao seu país. A literatura busca fundar, assim, um espaço de reflexão sobre os últimos capítulos do império colonial português, como a Guerra Colonial e a Revolução dos Cravos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Guerra Colonial; Revolução dos Cravos; *Memória de elefante*; António Lobo Antunes.

**RESUMEN:** El presente artículo analiza la novela *Memória de elefante*, del escritor portugués António Lobo Antunes, en lo que se refiere a su particularidad en representar el periodo postguerra colonial y sus traumáticos efectos en la sociedad portuguesa. Como primera novela del autor, publicada en 1979, y fuertemente relacionada a su experiencia autobiográfica, la narrativa presenta el cotidiano de un ex-combatiente que, al volver de los conflictos en África, trae consigo todos los traumas causados por la violencia de la guerra, poniéndose así incapaz de readaptarse a la vida diaria y a su país. De este modo, la literatura de Lobo Antunes busca establecer un espacio de reflexión sobre los últimos capítulos del imperio colonial portugués, como la Guerra Colonial y la Revolución de los Claveles.

**PALABRAS CLAVE:** Guerra Colonial; Revolución de los Claveles; *Memória de Elefante*; António Lobo Antunes.

O presente artigo analisa o romance *Memória de elefante*, do escritor português António Lobo Antunes, quanto à sua particularidade em representar o período pós-Guerra Colonial e seus efeitos na sociedade portuguesa. Primeiro romance do autor, publicado em 1979, apenas cinco anos após a Revolução dos Cravos. A narrativa objetiva a criação de um espaço de memória sobre a guerra e sobre os últimos capítulos do império colonial português, objetivando, assim, que acontecimentos marcantes para a sociedade não caiam no esquecimento sem a sua devida problematização.

Romance que marca a estreia de Lobo Antunes na literatura, *Memória de elefante* faz parte do primeiro ciclo de sua produção ficcional, denominado pela crítica e pelo próprio autor como *Trilogia da aprendizagem*, que também compreende *Os cus de Judas* (1979) e *Conhecimento do inferno* (1980), igualmente baseados na experiência do escritor na Guerra Colonial e no traumático processo de regresso e readaptação dos ex-combatentes no período pós-guerra.

Após a queda do fascismo, em abril de 1974, com a Revolução dos Cravos, que conduziu a Guerra Colonial ao seu final após mais de uma década de violentos conflitos, os países africanos conquistaram a sua independência. As mudanças trazidas pela revolução e pela descolonização assinalam em Portugal um período de transição da memória imperial/pós-imperial marcado pelo processo de

apagamento do passado recente, ligado ao imperialismo, à guerra e à opressão estatal.

Após a queda do império colonial, a sociedade portuguesa mergulhou em um estado de amnésia coletiva como única forma de contornar os eventos traumáticos que se negavam a ser totalmente apreendidos. Portugal, historicamente possuidor de colônias ao redor do planeta, país sempre autoconcebido pela retórica estatal como grande potência imperial, com a Guerra Colonial e a Revolução, sofre uma ruptura em sua representação nacional e este processo de transição acaba levando o país a um movimento de fechamento sobre si próprio, como tentativa de afastar a memória incômoda da guerra e do fracasso imperialista.

Como aponta Eduardo Lourenço, em seguida à Revolução dos Cravos, o imaginário nacional tentou destruir a memória da ditadura salazarista, promovendo um processo de distanciamento e deslocação da identificação nacional com a imagem do Estado Novo e do colonialismo na África, condenado diversas vezes pela Organização das Nações Unidas (ONU). A imagem do antigo regime expunha as fraquezas de Portugal e impedia a concretização de uma redemocratização e uma descolonização exemplar, vendida pelas Forças Armadas após assumirem o poder.

A primeira fase da revolução caracterizou-se também pela tentativa frenética de deslocar a imagem fascista da realidade nacional presente e passada, de destruir pela raiz o que se supunha mera pintura superficial do país, que, lavado e expurgado dos seus demónios passageiros, poria à mostra as suas virtualidades [...].<sup>1</sup>

Este processo de apagamento do passado recente era visto pelo governo revolucionário português como uma alternativa de superação do passado imperialista e isolacionista construído pela ditadura do Estado Novo. Na visão de Costa, o esquecimento do passado recente seria “a condição fundamental para que a metáfora de perpétuo movimento da nação pudesse ser novamente reiniciada”,<sup>2</sup> concretizando, assim, a aproximação de Portugal aos vizinhos da Europa, garantindo-lhe uma nova imagem, de país livre e democrático que almejava alcançar a modernização política e econômica.

Quanto ao Portugal de abril e à nova imagem que luta por concretizar, o que se obtém é, no fundo, um modelo identitário que encontra na fuga seletiva ao passado a estratégia preferencial para a manutenção do caráter ideal de que se pretende revestir. Tendencialmente direcionado para o desvio sistemático de situações ou eventos que levantem a ponta do véu traumático e do recente terror do fracasso nacional (o

mesmo será dizer, que remetam, ainda que por instantes, o país para um plano de eventual autoquestionação).<sup>3</sup>

A Guerra Colonial constitui-se num dos mais traumáticos episódios da história de Portugal. Estima-se que durante os treze anos de conflitos no continente africano, entre 1961 e 1974, mais de um milhão de soldados tenham sido enviados pelo governo de Portugal aos principais teatros de guerra, Angola, Moçambique e Guiné Bissau, sendo seu impacto muito marcante na sociedade portuguesa, tendo-se em vista que praticamente não ouve uma família que não foi afetada direta ou indiretamente pelos efeitos da violência.

Segundo Ribeiro, o regime salazarista buscava sempre ocultar os acontecimentos da Guerra Colonial como tentativa de manter o estado de normalidade da população na metrópole europeia. Para a autora, a consequente ocultação da guerra, mesmo no pós-25 de abril, “não era uma vontade autoritária, mas sim uma incapacidade de avaliação das condições reais para lidar com tão dolorosa e explosiva herança”<sup>4</sup> e uma imagem de país que se queria apagar. O silêncio historiográfico, político e social, sobre o passado recente na sociedade portuguesa pós-abril de 1974 deve-se aos naturais mecanismos de recusa, denegação e luto frente ao trauma da guerra e da opressão ditatorial, cuja memória ativa ainda não havia sido sepultada após a Revolução.

1. LOURENÇO. *O labirinto da saudade*, p. 50.

2. COSTA. *Para um estudo da memória e identidade portuguesa com António Lobo Antunes*, p. 141.

3. COSTA. *Para um estudo da memória e identidade portuguesa com António Lobo Antunes*, p. 3.

4. RIBEIRO. *Uma história de regressos: império, Guerra Colonial e pós-colonialismo*, p. 248.

Cardoso aponta que o Estado Novo entendia que a Guerra Colonial poderia colocar em risco a paz social, por isso, “a guerra se viu transferida para uma ‘lonjura’ como forma de a distanciar da metrópole e reduzir seu impacto na sociedade portuguesa.”<sup>5</sup> A única forma encontrada pelo aparelho estatal de controlá-la foi lhe conceder um sentido que a englobasse na falsa missão histórica e civilizadora da pátria.

Segundo Vecchi, a Guerra Colonial punha em jogo a pseudomemória imperialista construída pela Estado Novo, e a veiculação de notícias pela imprensa e a sua presença no Portugal continental apresentava-se como um perigoso obstáculo para a manutenção da continuidade da ditadura salazarista. O autor salienta ainda que, nos conflitos no continente africano, não estavam em jogo somente os territórios e espaços do império colonial, mas, principalmente, os cinco séculos de história de Portugal.

[...] em jogo estava algo de mais complexo do que a defesa do espaço colonial: como declamava a retórica do regime salazarista, em jogo estavam cinco séculos da História de Portugal, cinco séculos de colonização ou, como ficou depois da maquiagem retórica da revisão constitucional de 1951, cinco séculos de relações entre povos e culturas diferentes.<sup>6</sup>

A Guerra Colonial pode ser entendida como um “estado de exceção” na história imperial, pois após o início dos movimentos de libertação das colônias africanas, Portugal se viu obrigado a combater a si próprio, a fim de evitar o desmembramento do corpo físico e político da nação, uma vez que os territórios ultramarinos eram parte essencial da construção do imaginário e da identidade nacional ao longo de séculos.

Em artigo publicado no Diário de Notícias, em 1984, apenas dez anos após a Revolução dos Cravos e o final da guerra, Eduardo Lourenço mostra surpresa com o fato de a história recente de Portugal, o colonialismo e a Guerra Colonial na África não terem dado origem a manifestações culturais ou reflexões mais aprofundadas nas áreas da historiografia e da política na sociedade pós-25 de abril.

À problematização voluntária do antigo regime sucedeu uma espécie de insólita ocultação acerca dos avatares da última fase da nossa velha – pensar-se-ia capital – aventura colonial. Nem documentários, nem filmes, nem “livros brancos” sobre a nossa história recente em África contribuíram com qualquer explicação ou simples informação sobre o que, para já, conduziu em casa europeia à liquidação de um regime antidemocrático e, fora dela, ao fim de um império.<sup>7</sup>

5. CARDOSO. *A Mão-de-Judas: representações da Guerra Colonial em António Lobo Antunes*, p. 172.

6. VECCHI. *Excepção Atlântica: pensar a literatura da Guerra Colonial*, p. 96.

7. LOURENÇO. *Do colonialismo como nosso impensado*, p. 26.

De acordo com Lourenço, em relação ao fenômeno de silenciamento social e apagamento do traumático passado recente ligado à Guerra Colonial e ao desmembramento do império português na África, havia no país uma espécie de “insólita ocultação”, que tornava interditos os capítulos finais da história colonial portuguesa.

Costa afirma que no final da década de 1980 são ainda extremamente reduzidas as propostas discursivas de abordagem do recente passado imperial português. A sociedade e a cultura pós-abril de 1974 estavam ainda dominadas por uma ambiguidade de posicionamento emanada pela esfera estatal, que entendia a alternativa do apagamento da memória imperial da nação como uma “arma preferencial para assegurar a criação ilusória de um perpétuo movimento nacional.”<sup>8</sup>

Gomes aponta que a literatura portuguesa surgida no período pós-1974 estabelece uma estreita relação com a realidade, tentando, muitas vezes, reconstruir o discurso histórico fragmentado pela vertiginosa dinâmica da Revolução e da descolonização, que em pouco tempo alteraram de maneira profunda a sociedade e a identidade portuguesas. O romance surgido pós-1974, segundo o autor, muitas vezes “ficcionaliza a história como tentativa de suprir falências do discurso histórico.”<sup>9</sup>

Através da ficção, em *Memória de elefante*, Lobo Antunes almeja a representação da Guerra Colonial e dos duros efeitos do conflito e da ditadura salazarista na sociedade portuguesa. No romance, acompanha-se a representação da complicada situação dos ex-combatentes portugueses, que muitas vezes retornavam traumatizados dos campos de batalha e eram excluídos pela sociedade redemocratazada, por serem portadores de uma memória incômoda, do colonialismo e da opressão do Estado Novo.

Em *Memória de elefante*, romance cujo enredo é narrado predominantemente na terceira pessoa, com diversas intrusões da primeira, acompanha-se a rotina de um médico psiquiatra durante um dia comum de sua rotina, desde a manhã, quando inicia seu trabalho no Hospital Miguel Bombarda, em Lisboa, até o final da madrugada do dia seguinte, com ele já em seu apartamento.

O protagonista é um sujeito anônimo, e sabe-se somente que se trata de um ex-combatente, retornado da Guerra Colonial em Angola, onde desempenhou a função de médico do exército português. Sabe-se também que vive sozinho em seu apartamento no Monte Estoril, após a separação da mulher, e que devido a isso e ao afastamento do convívio diário com as duas filhas, vive mergulhado em um constante estado de depressão.

8. COSTA. *Para um estudo da memória e identidade portuguesa com António Lobo Antunes*, p. 147.

9. GOMES. *A voz itinerante. Ensaio sobre o romance português contemporâneo*, p. 84.



O romance se divide em três partes: manhã, tarde e noite, com cinco capítulos destinados a cada parte. Durante a manhã é possível acompanhar a rotina do médico no Hospital, onde ele se relaciona com os colegas e atende dois pacientes, uma moça e um adolescente viciado em drogas cujos pais insistem junto ao médico para que ele fique internado à força. Durante a tarde e a noite, acompanha-se a jornada deste sujeito pela cidade de Lisboa, à procura de um passado impossível de ser recuperado após o retorno da África.

De acordo com Seixo, *Memória de elefante* condensa e descreve a agônica e desesperada jornada de um sujeito incrédulo e nostálgico em busca de unidade pessoal, de um impossível sentimento de paz em relação a um traumático passado recente. Revela, também, o absurdo, opressivo e completamente desestabilizador passado da guerra na África, responsável por fragmentar a existência, a memória e a identidade de quem nela esteve envolvido.

Essa arquitetura consiste em condensar, com esforço amargo e algum júbilo criativo, a densidade da vida num único dia da existência, que se descreve a par e passo, como os passos da cruz de um incrédulo nostálgico de uma ligação a qualquer coisa – seja a família, a cidade, o Tejo, a infância, a arte, a mulher, as filhas, outras mulheres, amigos, ou uma consciência

apaziguada na relação com o passado recente. Este passado é o da guerra colonial, revelação inesperada da opressão bárbara e do absurdo de existir que por toda a parte descobre, e em que participa também. É ainda o passado de um casamento de amor, que se desfez inexplicavelmente no regresso de Angola, com remorso pungente sem remissão.<sup>10</sup>

O protagonista da narrativa é um sujeito que vive às margens da sociedade, deprimido e avesso à maioria das relações sociais e afetivas, que se sente constantemente incompreendido e luta diariamente contra a rotina. Ademais, busca incessantemente reatar os cacos da sua vida pessoal, que foi diretamente afetada por sua participação nos combates da Guerra Colonial.

Assombrado pelas traumáticas lembranças dos conflitos na África e pelas constantes recordações da infância, esse sujeito anônimo desempenha suas funções profissionais no mesmo hospital em que o pai fora médico no passado. Vive, assim, sempre perseguido pelo peso das tradições familiares e do meio social burguês, que lhe exigem adaptação aos padrões e o cumprimento das obrigações que lhe são socialmente impostas.

Ao analisar o título do romance, *Memória de elefante*, percebe-se que o mesmo desempenha o papel de uma metáfora que se relaciona diretamente à figura do

10. SEIXO. *As flores do inferno e jardins suspensos*, p. 342.

médico-protagonista. Uma das características mais marcantes do animal africano é a memória; o elefante é conhecido por guardar com exatidão na lembrança, durante toda a sua vida, percursos que tenha feito, podendo, dessa forma, mesmo após muitos anos, localizar-se com exatidão nas imensidões africanas.

O médico-protagonista assemelha-se, assim, metaforicamente, a um elefante após o seu regresso, uma vez que as memórias da África e da guerra permanecem sempre vivas em sua consciência. Mesmo após ter regressado a Lisboa e à temporalidade europeia, o médico segue sempre assombrado pelo passado e pelos traumas do conflito. A geografia das terras africanas, muitas vezes, aos olhos do protagonista, se sobrepõe à metrópole portuguesa, como se o regresso à terra natal fosse uma extensão da guerra. Mesmo em Portugal, as memórias do tempo africano permanecem ativas, sendo assim, tal qual o elefante, o ex-combatente não logra se desvencilhar de seus percursos do passado.

A inadequação do protagonista nesse “novo” Portugal que ele encontra após regressar de Angola é refletida nas estratégias ficcionais da narrativa antuniana. A narração, que diversas vezes coaduna temporalidades distintas com memórias fragmentárias e recortes do passado, faz com que lembranças da guerra invadam o presente e causem uma

espécie de confusão labiríntica na arquitetura interna do romance.

Disfarçadamente olhou o relógio do homem dos sonos ao seu lado: mais uns minutos e o analista apoiaria os dedos nos braços da cadeira e levantar-se-ia a dar por finda a sessão: descer as escadas, sair para a rua, recomeçar: subir o poço a pulso até à paisagem de ervas de cá de fora, torcer a roupa molhada, partir: como quando cheguei da África e não sabia o que fazer, e me achava em corredor muito comprido e sem nenhuma porta, e tinha uma filha e mulher grávida e um vasto cansaço nos ossos chocalhados por demasia de picadas. Reviu mentalmente o túmulo do Zé do Telhado em Dala e a casa com tecto de capim do senhor Gaspar no meio das árvores altas em que pulava um enorme macaco domesticado, de focinho branco, preso por uma trela a um poste de ferro, reviu a morte do cabo Pereira no incêndio do unimogue e o fantástico das queimadas noite afora: desde que me levaram a Pádua a fazer a primeira comunhão, pensou o médico, já andei um bom bocado.<sup>11</sup>

Como se pode observar no trecho anterior, durante uma sessão de análise em grupo, as lembranças do tempo da África e da guerra irrompem de maneira abrupta, invadindo o presente da narrativa. Passado e presente se entrecruzam em seu relato marcado pela melancolia e pela

11. ANTUNES. *Memória de elefante*, p. 121-122.

depressão de que padece após a separação da esposa e do convívio diário com as filhas. Após regressar da guerra, o médico-protagonista não consegue se readaptar ao ritmo da vida cotidiana, pois sua memória foi intensamente marcada pela experiência da viagem e dos combates em Angola. Esta incapacidade de readaptação à temporalidade da vida cotidiana acaba por transformar o regresso a Portugal, que deveria ser sinônimo de reconquista da paz, em um prolongamento do sofrimento da guerra, como se ela jamais tivesse acabado.

Todas as memórias que o médico-protagonista recupera sobre a África são extremamente fragmentadas e irrompem em *flashes* em momentos de solidão, fazendo com que ele se torne cada vez mais isolado e se sinta incompreendido, uma vez que jamais consegue comunicar às outras pessoas e familiares seus sofrimentos e memórias incômodas que o assombam. Os traumas da guerra perturbam a consciência do protagonista, fazendo com que diversas temporalidades distintas passem por sua memória, mantendo-o sempre como que em constante estado de alerta e tornando-o incapaz de desvencilhar-se dos horrores vivenciados em Angola.

Como em África, pensou ele, exatamente como em África, aguardando a chegada miraculosa do crepúsculo do jango de

Marimba, enquanto as nuvens escureciam o Cambo e a Baixa do Cassange se povoava do eco dos trovões. A chegada do crepúsculo e a do correio que a coluna trazia, as tuas compridas cartas húmidas de amor. Tu doente em Luanda, a miúda longe de ambos, e o soldado que se suicidou em Mangando, deitou-se na camarata, encostou a arma ao queixo, disse Boa noite e havia pedaços de dentes e de osso cravados no zinco do tecto, manchas de sangue, carne, cartilagens, a metade inferior da cara transformada num buraco horrível, agonizou quatro horas em sobressaltos de rã, estendido na marquesa da enfermaria, o cabo segurava o petromax que lançava nas paredes grandes sombras confusas. Mangando e os latidos dos cabíris nas trevas, cães esqueléticos de orelhas de morcego, madrugadas de estrelas desconhecidas, a soba de Dala e os seus gémeos doentes, o povo para a consulta nos degraus do posto a tiritar de paludismo, picadas destruídas pela violência da chuva.<sup>12</sup>

Após a experiência africana, onde logrou ter contato com a violência e a opressão geradas pelo seu país, o protagonista assume não ser mais o mesmo, devido às situações extremas que foi obrigado a vivenciar em defesa do colonialismo português, que via na manutenção dos territórios ultramarinos uma fonte de estabilidade econômica e identitária. O regresso a Portugal fez com que este sujeito, antes um guerreiro da causa nacional, se tornasse um estrangeiro

12. ANTUNES. *Memória de elefante*, p. 91.



em seu próprio país, dominado pelos traumas do passado e pela desorientação frente ao presente e ao futuro.

Como aponta Francisco, a guerra que a ficção antuniana tematiza, principalmente nos seus três primeiros romances que compõe a *Trilogia da aprendizagem*, não passa somente pelo conflito armado propriamente dito, mas é uma característica que se espalha pela obra do autor e compreende, também, diversos confrontos existenciais, familiares e sociais. Segundo o autor, “a categoria guerra se desdobra ou ramifica, rizomaticamente, em várias outras negatividades que se projetam tanto no âmbito do enunciado quanto no da enunciação.”<sup>13</sup>

A negatividade ligada à experiência da guerra invade o presente e perturba constantemente o protagonista, fazendo com que se sinta perseguido pelo passado, pelo “inferno” vivenciado em Angola. O regresso, a extrema dificuldade e a impossibilidade de readaptação são comparados a outra forma de tortura, que substituiu a aprendizagem da agonia e o medo da morte enfrentado na África. Muitas vezes o protagonista tem a impressão de que a guerra não acabou e que, além do mais, esta lhe acompanhou da África até Portugal aquando do seu regresso.

Ao voltar da guerra, o médico, habituado entretanto à mata, às fazendas de girassol e à noção de tempo paciente e eterna

dos negros, em que os minutos, subitamente elásticos, podiam durar semanas inteiras de tranquila expectativa, tivera de proceder a penoso esforço de acomodação interior a fim de reacostumar aos prédios de azulejo que constituíam as suas cubatas natais. A palidez das caras compelia-o a diagnosticar uma anemia colectiva, e o português sem sotaque surgia-lhe tão desprovido de encanto como um quotidiano de escriturário.<sup>14</sup>

Ao retornar da África, tudo o que antes lhe era familiar, agora é revestido de um sentimento de melancolia. O seu país natal aparentava-lhe, no momento do regresso, estar dominado por uma espécie de anemia coletiva, diagnosticada no desinteresse da sociedade frente ao passado traumático. O processo de reentrada na centralidade europeia dá-se de forma atribulada, necessitando de um “penoso esforço de acomodação interior”.

Ribeiro, ao analisar as particularidades da literatura surgida em Portugal, cuja temática direciona-se à abordagem da Guerra Colonial, assinala que, nessa literatura, que marca o regresso dos ex-combatentes do continente africano, o país de origem “reencontrado é já outro, tanto pelo excesso de imagem idealizada que dele foi construída ao longo do percurso africano como porque são outros os olhos que trazem para o contemplar.”<sup>15</sup> O protagonista passa, então, a lutar cotidianamente com o isolamento a que é submetido

13. FRANCISCO. *Textualidades em negativo: a ficção de António Lobo Antunes*, p. 32.

14. ANTUNES. *Memória de elefante*, p. 80-81.

15. RIBEIRO. *Uma história de regressos: império, Guerra Colonial e pós-colonialismo*, p. 263.

pela sociedade e pelas relações familiares comprometidas, pois não mais se vê capaz de habituar-se à rotina de vida que levava antes da viagem a África. África surge, portanto, como um espaço revelador, transformador, como um espelho de Portugal, que reflete assombrosas imagens de fragmentação e descontinuidade individual e coletiva.

De acordo com Vecchi, “a melancolia isotópica que aflo- ra em todos os textos da guerra colonial”<sup>16</sup> está ligada di- retamente à perda de um objeto que, visto no contexto, não se refere somente aos territórios do império, *perdidos* para os africanos durante a guerra e após a Revolução dos Cravos em 1974. Refere-se, sim, à perda de uma identidade, de uma essência, responsável por alimentar e sustentar o imaginário coletivo português. Em relação ao protagonista, a guerra alimenta o sentimento de perda do “eu”, da iden- tidade individual que, a partir da ficção, transmite-se para o contexto da transição da memória imperial iniciado após o 25 de abril.

Entre a Angola que perdera e a Lisboa que não reganhara o médico sentia-se duplamente órfão, e esta condição de des- paisado continuara dolorosamente a prolongar-se porque muita coisa se alterara na sua ausência, as ruas dobravam- -se em cotovelos imprevistos, as antenas de televisão espan- tavam os pombos na direção do rio obrigando-os a um fado

de gaivotas [...] De modo que nas tardes livres cavalgava o pequeno automóvel amolgado e procedia com método à ve- rificação da cidade, bairro por bairro e igreja por igreja, em peregrinações que terminavam invariavelmente na Rocha do Conde de Óbidos, da qual largara um dia para a aventura imposta e com quem mantinha, apesar de tudo, a intimidade respeitosa e masoquista que as vítimas reservam aos carrascos reformados.<sup>17</sup>

Em *Memória de elefante* percebe-se que Lobo Antunes bus- ca representar o drama dos ex-combatentes portugueses no período pós-Guerra Colonial abordando o conturbado processo de reentrada e assimilação social por parte des- tes indivíduos, que, muitas vezes, são lateralizados na so- ciedade portuguesa pós-Revolução. Além de retornarem traumatizados dos campos de batalha, são eles os repre- sentantes de um tempo ligado ao colonialismo e à opressão salazarista, um tempo que a esfera estatal buscava apagar da história nacional.

Segundo Cardoso, o sujeito que tenha participado da guerra, ao tomar consciência da traição promovida pelo Estado português, e mediante os incontornáveis traumas da violência, invariavelmente entra em um processo de au- todestruição e gradativo afastamento social. A geração de soldados retornados da guerra é estigmatizada e excluída pela sociedade e temida pelo Estado, devido ao fato de seus

16. VECCHI. *Exceção Atlântica: pensar a literatura da Guerra Colonial*, p. 46.

17. ANTUNES. *Memória de elefante*, p. 82-83.

corpos estarem marcados pela experiência destruidora da guerra e pela melancolia e resignação de terem presenciado o absurdo resultado da valorização do imperialismo na África.

Ainda segundo Cardoso, “a geração que fez a guerra é, assim, vista pela sociedade portuguesa já redemocratizada como culpada pelas formas mais duras de Portugal ter exercido o colonialismo, sendo muitas vezes associada ao próprio regime.”<sup>18</sup> Em outra passagem, afirma Cardoso, “essa geração, que vivia já um vácuo de convicções, vê-se atomizada aquando do regresso a casa. Esta seria a dispersão de um capital colectivo temido pelo Estado.”<sup>19</sup>

Excluído da sociedade e voluntariamente esquecido pelo Estado por ser um símbolo vivo da história imperial, o soldado retornado, então, é ignorado da representação no novo tempo pós-colonial em construção após a Revolução dos Cravos, e passa a habitar, assim, um tempo à margem, exercendo uma posição extremamente ambígua, entre o serviço militar cumprido e a vida pessoal perdida após o regresso.

Em entrevista concedida a Rodrigues da Silva, em 1979, após a publicação de *Memória de elefante*, Lobo Antunes comenta a respeito do “dever” do seu trabalho ficcional em abordar acontecimentos traumáticos para a

coletividade nacional. Segundo o autor, passados cinco anos da Revolução dos Cravos e da queda da ditadura salazarista, o país vivenciava um gradual processo de esquecimento do passado recente ligado à Guerra Colonial e à opressão praticada pelo Estado Novo.

Qualquer coisa que me lembra uma frase de Pasolini, a propósito das manobras florentinas, na Itália do tempo de Maquiavel. Chamava-lhe ele “la forma ingenua e quase elegante del tradimento” (“a forma engenhosa e quase elegante da traição”). A guerra colonial era um pouco isso: uma forma engenhosa, mas nada elegante, de traição. No fundo, a frase de Pasolini, também, podia aplicar-se sem elegância nenhuma, aos 48 anos do fascismo. No livro que vai sair ainda este ano, “[Os] Cus de Judas”, eu tento explicar isso melhor. E abro aqui um parêntesis para dizer que não terá sido por acaso que “[Os] Cus de Judas” têm sido boicotados já por duas ou três tipografias. É que é um livro que fala na guerra colonial. Penso que, apesar de tudo, se continua a tentar falar, como se a guerra não tivesse existido, como se o Tarrafal e a Pide e tudo isso, nada tivesse existido. Volta a haver as misses, volta a haver a direita, volta a haver tudo isso, de uma forma pujante e alegre, como se tudo, como se esses mortos, como se um milhão e 500 mil homens que passaram por África, como se os mutilados que andavam ali a coxear no Anexo Militar, na Rua Artilharia Um, como se nada disso tivesse existido.<sup>20</sup>

18. CARDOSO. *A Mão-de-Judas: representações da Guerra Colonial em António Lobo Antunes*, p. 221.

19. CARDOSO. *A Mão-de-Judas: representações da Guerra Colonial em António Lobo Antunes*, p. 119.

20. ARNAUT. *Entrevistas com António Lobo Antunes. 1979-2007: Confissões do trapeiro*, p. 25-26.

Lobo Antunes aponta que a Guerra Colonial e a situação dos soldados retornados vinham sendo sistematicamente esquecidos pela sociedade e pelo poder estatal, por remeterem a imagem nacional a um passado que se queria apagar, a fim de que o país pudesse efetuar um movimento de aproximação do bloco de países da Europa, afastando-se do passado isolacionista e colonialista defendido pelo Estado Novo.

O discurso ficcional, no Portugal pós-abril de 1974, apresenta-se como possibilidade de análise do contexto social e da dinâmica da evolução do país promovida pela transição do processo revolucionário. O romance surge como uma forma de enfrentamento desse processo dinâmico iniciado com a Revolução, que via na substituição e no esquecimento de um período histórico e de um modelo político-social ultrapassado a única forma possível de evolução. A ficção se assume como tentativa de resgate dos últimos capítulos do império português, como a Guerra Colonial e a Revolução.

Vecchi aponta que a literatura que tematiza a Guerra Colonial almeja a construção de “um céu da memória”,<sup>21</sup> recuperando, através do testemunho e da experiência, os capítulos finais do império colonial português. Na visão de Vecchi, o discurso ficcional apresenta-se como alternativa de resgate e simbolização de experiências e partes de

verdades que seriam apagadas pelo movimento de transição da memória imperial portuguesa.

Costa menciona que a ficção antuniana, de maneira geral, persegue a criação de uma poética da memória, que visa combater o sistemático movimento de apagamento do passado traumático promovido por Portugal no período pós-1974. Por intermédio da narrativa de *Memória de elefante*, por exemplo, Lobo Antunes busca retratar, através do trabalho com a ficção, capítulos traumáticos da História nacional, como a Guerra Colonial e o drama dos soldados retornados.

Na obra de António Lobo Antunes, essa poética de um retorno possível, mas não oficial (porquanto necessariamente centrado na perspectiva única e relativa da representação individual), conhecerá, então, no seu início, de facto, o corporizar de um esforço de recuperação do passado (ou “passados”) como forma de lidar com os traumas nacionais, problematizando, em simultâneo, a voz única, incontestada, de continuidade do aparelho de poder. Daí em diante, marcará presença em todos os momentos-chave da evolução da imagem de Portugal, apresentando-se enquanto espécie de reverso da medalha, ao ilustrar os efeitos que essa tendência nacional de fuga à dor do trabalho de luto irreversivelmente trouxe consigo até os dias de hoje.<sup>22</sup>

21. VECCHI. *Das relíquias às ruínas. Fantasmas imperiais nas criptas literárias da Guerra Colonial*, p. 194.

22. COSTA. *Para um estudo da memória e identidade portuguesa com António Lobo Antunes*, p. 94.



Na obra de Lobo Antunes, como aponta Costa, percebe-se a existência de uma poética que almeja sempre oferecer, por intermédio do discurso ficcional, novas possibilidades de interpretação de momentos-chave da História portuguesa. A ficção antuniana, de maneira geral, caracteriza-se por corporizar um constante esforço de recuperação do passado, oferecendo-se como possibilidade de representação de minorias e subjetividades excluídas pelo movimento de construção do novo tempo pós-colonial português.

Em *Memória de elefante*, através da representação de um ex-combatente, vítima da opressão praticada pelo Estado Novo e dos traumas sofridos pela guerra, Lobo Antunes almeja a recuperação do passado, evidenciando e problematizando a Guerra Colonial e seus duros efeitos na sociedade portuguesa. Através da recuperação de sua experiência individual, por intermédio dos mecanismos ficcionais, o autor traz para o debate questões problemáticas para a sociedade portuguesa, demonstrando, assim, que o discurso literário cumpre um papel fundamental na sociedade, sendo responsável, muitas vezes, por restabelecer os laços sociais rompidos pela opressão estatal e por tragédias sociais.

Através da literatura, Lobo Antunes indaga a História, oferecendo novas possibilidades de interpretações da Guerra Colonial e do período posterior à Revolução dos

Cravos na sociedade portuguesa. *Memória de elefante* apresenta-se como uma possibilidade de resguardar a memória da guerra e daqueles que foram vitimados, fundando, assim, um espaço de reflexão sobre o Portugal pós-colonial e sobre os traumas nacionais.

#### REFERÊNCIAS

ANTUNES, António Lobo. **Memória de elefante**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ARNAUT, Ana Paula. **Entrevistas com António Lobo Antunes**. 1979-2007: Confissões do trapeiro. Coimbra: Edições Almedina, 2008.

CARDOSO, Norberto do Vale. **A Mão-de-Judas**: representações da Guerra Colonial em António Lobo Antunes. Lisboa: Texto Editores, 2011.

COSTA, Jorge Manuel de Almeida Gomes da. **Para um estudo da memória e identidade portuguesa com António Lobo Antunes**. 2013. 241 f. Tese (Doutorado em Letras – Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Centro Regional das Beiras, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2013.

FRANCISCO, Denis Leandro. **Textualidades em negativo**: a ficção de António Lobo Antunes. 2011. 205 f. Tese (Doutorado em Letras – Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.



GOMES, Álvaro Cardoso. **A voz itinerante**. Ensaio sobre o romance português contemporâneo. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1993.

LOURENÇO, Eduardo. **Do colonialismo como nosso impensado**. Organização e prefácio de Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi. Lisboa: Gradiva, 2016.

LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade**. Lisboa: Dom Quixote, 2013.

RIBEIRO, Margarida Calafate. **Uma história de regressos: império, guerra colonial e pós-colonialismo**. Porto: Afrontamento, 2004.

SEIXO, Maria Alzira. **As flores do inferno e jardins suspensos**. Lisboa: Dom Quixote, 2010.

VECCHI, Roberto. **Excepção Atlântica**: pensar a literatura da Guerra Colonial. Porto: Afrontamento, 2010.

VECCHI, Roberto. Das relíquias às ruínas. Fantasmas imperiais nas criptas literárias da Guerra Colonial. In: RIBEIRO e FERREIRA. **Fantasmas e Fantasias Imperiais no Imaginário Português Contemporâneo**. Porto: Campo das Letras Editores, 2003, p. 187-202.

*Recebido em 11-08-2017.*

*Aceito em 28-01-2018.*